

2.2 • As Relações Internacionais em contexto de pandemia

O IMAGINÁRIO PANDÊMICO GLOBAL

Luísa Godinho

Texto entregue em Dezembro de 2020

LONGE DE IMAGINAR QUE UMA PANDEMIA, como a propagada pela COVID-19, estaria iminente, em Setembro de 2019, Christos Lynteris, prolífico antropólogo social interessado pelas abordagens biopolítica e visual das epidemias, publicou, podemos hoje dizer, uma obra marcadamente premonitória. Intitula-se *Human Extinction and the Pandemic Imaginary* (em português, “A Extinção Humana e o Imaginário Pandémico”) e debruça-se sobre a dimensão cultural das pandemias, uma perspectiva diferenciadora das análises científicas e mediáticas dominantes, sobejamente interessadas nas dimensões clínica, económica e geopolítica.

Autor destacado do campo da Antropologia Médica, Professor na britânica University of St. Andrews, Lynteris interessou-se, em particular, pelo estudo antropológico das doenças infecciosas, tema que conheceu um desenvolvimento expressivo desde 2013, sobretudo como uma resposta a fenómenos como o das alterações climáticas, por autores como Keck, Caduff, Kelly e Nading, entre outros.

Neste *Human Extinction and the Pandemic Imaginary*, Lynteris retoma o angustiante debate sobre o perigo da energia nuclear, que teve lugar durante a Guerra Fria, propondo-se desenvolver um estudo que desafia as tradicionais fronteiras entre as Ciências Sociais e as Humanidades e lance “um olhar telescópico” ao modo como os imaginários globais têm sido culturalmente construídos em resposta às pandemias, em particular através de instrumentos visuais e discursivos.

Resultado do trabalho como investigador principal na Universidade de Cambridge, Lynteris propõe uma abordagem multidimensional a partir de um enfoque cultural. O autor relaciona a perspectiva cultural com as tradicionais perspectivas analíticas, permitindo compreender o

fenómeno pandémico na sua complexidade. Este esforço holístico constitui, de resto, um dos mais valiosos contributos do livro.

O imaginário pandémico

O grande objetivo do autor é identificar e conhecer o *imaginário pandémico*, a estrutura de representação mental disseminada à escala global e que se encontra na base dos fenómenos sócio-políticos que ocorrem em consequência das pandemias, constituindo destas um importante fator explicativo. O caráter estrutural destas representações mentais globais torna-as, aliás, segundo o autor, um aspecto incontornável de qualquer análise dos fenómenos sociais globais que se queira completa e aprofundada.

“As doenças globais constituem padrões epidemiológicos, epistemológicos e bio-políticos.”

O conceito de *imaginário* surge no livro de forma *dialética*. Por um lado, resultado de formas imaginárias que, ao longo dos séculos, institucionalizadas por via dos Estados e da dinâmica do capitalismo mediático, eternizaram o mito do domínio humano sobre o não-humano, ao ponto de tornarem absurda a “conceptualização de um futuro pós-humano em termos radicalmente novos”; por outro lado, permitindo experienciar o mundo e pensar o futuro noutros termos que não os da condição de domínio do humano sobre o não-humano. É justamente neste último sentido que Lynteris se diz herdeiro

do do conceito de *imaginário* defendido por Castoriadis, autor que, já na década de sessenta, considerava, por oposição à dominante visão freudiana, que entendia o homem como prisioneiro do seu passado, ser o imaginário assente nas possibilidades imaginadas de futuro.

Para o realizar, Lynteris arrisca um olhar atemporal conseguido através do estudo de um *corpus* que integra produtos da sociedade de consumo contemporânea, como notícias, *posts*, filmes e séries, juntamente com os relatos clássicos de Tucídides sobre as pragas, videojogos e materiais de campanhas de comunicação estatais.

Pretende o autor fixar o imaginário pandémico a partir do estudo de representações discursivas muito variadas e essa ambição diacrónica e multidimensional sobre a designada *cultura pandémica* constitui um dos maiores contributos deste livro. Na verdade, segundo Gerlach e Hamilton, esta cultura constitui-se não a partir da proliferação da pandemia como um fenómeno médico mas, antes, a partir da “explosão da comunicação sobre pandemias imaginadas e potenciais”.

O fim intemporal

As doenças globais constituem padrões epidemiológicos, epistemológicos e bio-políticos. Segundo Lynteris, as pandemias caracterizam-se por uma dinâmica algo irracional, surgindo inesperadamente e do mesmo modo desaparecendo (o que o autor designa por *fim intemporal*), sem que uma explicação causa-efeito possa estabelecer-se. O fim epidemiológico, por sua vez, traz consigo um encerramento epistemológico para a humanidade, de novo pacificada com a sua condição. Na atualidade, esta repacificação significará o regresso do imaginário de uma *modernidade higiénica*, livre de doença e prudentemente separada da natureza.

PANDEMIAS QUE MUDARAM A HISTÓRIA

Fonte: www.history.com

430 A.C.	165 D.C.	250 D.C.	541 D.C.	SEC. XI	1350	1492	1665
PANDEMIA ATENIENSE Foi a primeira pandemia registada e aconteceu durante a Guerra do Peloponeso, passando pela Líbia, Etiópia e Egito. Os sintomas incluíam febre, sede, língua e garganta com sangue, pele e lesões encarnadas.	PRAGA ANTONINA A peste de Antonino começou entre os hunos e infetou alemães e romanos, tendo estes espalhado a doença por todo o império. Os sintomas incluíam febre, dor de garganta, diarreia e feridas. A praga continuou até cerca de 180 d.C. O imperador Marco Aurélio foi uma das suas vítimas.	PRAGA CIPRIOTA Tendo possivelmente começado na Etiópia, passou pelo norte da África, por Roma, atingindo depois o Egito e dirigindo-se ao norte da Europa. Houve surtos recorrentes nos três séculos seguintes. A peste de Chipre causava diarreia, vômitos, úlceras na garganta, febre e gangrenas nas mãos e pés.	PRAGA JUSTINIANA Surgida no Egito, a praga de Justiniano espalhou-se pela Palestina, pelo Império Bizantino e depois por todo o Mediterrâneo. As recorrências desta praga nos dois séculos seguintes acabaram por matar cerca de 26% da população mundial. Transmitida por ratos e pulgas, o seu principal sintoma era o aumento da glândula linfática.	PANDEMIA DE LEPROSA A lepra tornou-se uma pandemia na Europa da Idade Média. Trata-se de uma doença bacteriana de desenvolvimento lento que causa feridas e deformidades, a lepra era considerada um castigo de Deus, tendo sido responsável por julgamentos morais e o ostracismo das vítimas.	PESTE NEGRA Responsável pela morte de um terço da população mundial, este segundo grande surto de peste bubónica começou possivelmente na Ásia e alastrou para a Europa. A Inglaterra e a França ficaram tão incapacitadas pela praga que acabaram por estabelecer uma trégua à guerra que protagonizavam.	PRAGA COLOMBIANA Após a chegada dos espanhóis ao Caribe, doenças como a varíola, o sarampo e a peste bubónica foram transmitidas aos povos nativos pelos europeus, levando à morte de cerca de 90% destes nos continentes do Norte e do Sul. Em 1520, o Império Asteca foi destruído por uma infecção de varíola, que acabou por dificultar a resistência aos colonizadores espanhóis.	GRANDE PRAGA DE LONDRES Num outro surto devastador, a peste bubónica causou a morte de 20% da população de Londres. Com o aumento do número de mortos e o surgimento de valas comuns, centenas de milhares de gatos e cães foram apontados como sendo a possível causa e massacrados. A doença espalhou-se pelos portos ao longo do rio Tamisa.

Christos Lynteris é antropólogo médico, especialista no exame antropológico e histórico de epidemias, zoonoses, epistemologia epidemiológica, cultura visual médica, medicina colonial e pandemias como eventos que representam um risco existencial para a humanidade. Entre as suas publicações encontram-se estudos sobre as crises epidêmicas na China moderna, nomeadamente a epidemia SARS e seu impacto na sociedade e na governação.

Professor na *St Andrews University*, na Escócia, foi *Andrew Mellon e Isaac Newton Postdoctoral Fellow* e investigador principal do *European Research Council* e da *University of Cambridge*.

Mas se o fim pandémico é extemporâneo, já a chegada das pandemias parece ser passível de preparação. Na verdade, as narrativas pandémicas – ficcionadas ou históricas – apresentam-nas como algo que se repete ciclicamente e que nada possui de novo.

O que é ser humano?

Um aspecto crucial da obra é o (re)questionamento e a (re)definição que, segundo o autor, as pandemias suscitam sobre a concepção do que é ser humano. O medo omnipresente da extinção da humanidade, que aparentemente paira sobre toda a experiência pandémica, é interpretado pelo autor de modo distinto. Não se trata de reear o fim do Homem, mas, antes, de reear a impossibilidade de este controlar o não-humano, nomeadamente a natureza e a tecnologia, e, por conseguinte, o receio de o Homem confrontar-se consigo mesmo e com a sua natureza frágil e finita.

Neste sentido, o livro defende a tese segundo a qual as pandemias inauguram uma nova forma de extinção assente num outro sentimento do que é ser humano, sentimento que rompe com os cânones do iluminismo e do renascimento, que colocaram o Homem no centro do universo, pretensamente detentor de um poder quase ilimitado e onipotente, para o reposicionar, agora, mais do que lateralizado face à mão da natureza e do não-humano, subjugado a estes últimos.

O mais profundo impacto da pandemia atravessa, assim, os efeitos sociais, políticos e

económicos sobejamente tratados nas análises mais difundidas, incidindo, antes, sobre o sentimento de confiança do Homem na sua relação com as forças não-humanas e, em última instância, com a sua própria existência. O imaginário pandémico representa a dificuldade de o Homem se encontrar num mundo que se confronta, cada vez mais frequentemente, com a perda do domínio humano. Esta perda identitária, por sua vez, inevitavelmente recoloca a questão – central na obra – da finalidade do mundo e da vida humana, colocando agora a possibilidade de anomia, ou seja a hipótese de ausência de um fim específico.

“Um aspecto crucial da obra é o (re)questionamento e a (re)definição que, segundo o autor, as pandemias suscitam sobre a concepção do que é ser humano.”

Já incontornável parece ser, no entanto, para o autor, a magnitude existencial dos fenómenos pandémicos. Este questionamento existencial, mais ou menos consciente mas por demais evidente nas narrativas estudadas por Lynteris, advém do fracasso da técnica ou, pelo menos, do seu limitado alcance, consigo arrastando o poder simbólico global da medicina e do Estado. Historicamente, segundo o paradigma dominante, os humanos tornam-se humanos por meio do progressivo domínio da tecnologia. Foi a invenção e o domínio desta que permitiram ao Homem diferenciar-se dos outros animais e, como resultado, ser capaz de se afirmar perante a natureza. A miragem da extinção humana que, neste momento, paira sobre o imaginário global não parece ser associada ao fim da espécie humana num sentido biológico, mas antes ao retorno dos humanos ao seu estatuto não humano, animal ou natural. ■

Bibliografia geral

- Bashford, A. (2016). *Quarantine: Local and Global Histories*. London: Palgrave Macmillan.
- Biehl, J. (2007). *Will to Live. AIDS Therapies and the Politics of Survival*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Briggs, C. L. (2009). Biocommunicability and the biopolitics of pandemic threats. *Medical Anthropology* 28(3): 89–198.
- Caduff, C. (2014). Pandemic prophecy, or how to have faith in reason. *Current Anthropology* 55(3): 296–315.
- Chircop, J. & F. Martinez, (2018). *Mediterranean Quarantines, 1750-1914. Space, Identity and Power*. Manchester, UK: Manchester University Press.
- Christos Lynteris, (2016). *Ethnographic Plague: Configuring Disease on the Chinese-Russian Frontier*. London: Palgrave Macmillan.
- Christos Lynteris, (2016). 'The Epidemiologist as Culture Hero: Visualizing Humanity in the Age of "the Next Pandemic",' *Visual Anthropology* 29: 36-53.
- Christos Lynteris and Nicholas Evans (2018). *Histories of Post-Mortem Contagion: Infectious Corpses and Contested Burials*. London: Palgrave Macmillan.
- Christos Lynteris, (2019). *Human Extinction and the Pandemic Imaginary*. London and New York: Routledge.

2020 COVID-19

Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde anunciou que a COVID-19 era oficialmente uma pandemia depois de se espalhar por 114 países em três meses e infetar mais de 118.000 pessoas. A propagação não estava nem perto do fim.

A COVID-19 é causada por um novo coronavírus que não fora encontrado anteriormente em pessoas. Os sintomas incluem problemas respiratórios, febre e tosse e podem causar pneumonia e morte. Tal como a SARS, espalha-se por meio de gotículas de espirros.

1817	1855	1875	1889	1918	1957	1981	2003
PRIMEIRA CÓLERA Foi a primeira das sete pandemias de cólera que ocorreriam até meados do século XX. A doença era provocada por uma infeção do intestino delgado e transmitia-se através da água e alimentos infetados com fezes. Originária da Rússia, acabaria por espalhar-se pela Europa, África, Ásia e América, onde matou 150.000 pessoas. Uma vacina foi criada em 1885.	A TERCEIRA PRAGA Com início na China e indo para a Índia e Hong Kong, a peste bubónica fez 15 milhões de vítimas. A Índia enfrentou o maior número de vítimas e a epidemia foi usada como legitimação para políticas repressivas que desencadearam alguma revolta contra os britânicos. A pandemia foi considerada ativa até 1960.	PRAGA FIJI Regressando da Austrália, onde contactaram com um surto de sarampo, os britânicos acabariam por trazer a doença de volta para as ilhas Fiji. Espalhando-se rapidamente pela ilha, foi responsável pelo amontoar de cadáveres e o dizimar de aldeias inteiras. Um terço da população das Fiji, um total de 40.000 pessoas, morreu.	GRIPE RUSSA A mais significativa pandemia de gripe começou na Sibéria e no Cazaquistão, alastrou para Moscovo, chegou à Finlândia e depois à Polónia, de onde se transmitiu ao resto da Europa. No ano seguinte, a doença cruzou o oceano para a América do Norte e a África. No final de 1890, 360.000 pessoas morreram.	GRIPE ESPANHOLA A gripe das aves, que debutou em 1928 e resultou em 50 milhões de mortes em todo o mundo, espalhou-se rapidamente pelo globo. Centenas de milhares de americanos morreram e a escassez de armazenamento de corpos atingiu o nível de crise. Mas a ameaça da gripe desapareceu no verão de 1919, quando a maioria dos infetados desenvolveu imunidades ou morreu.	GRIPE ASIÁTICA Iniciada em Hong Kong, espalhada pela China e depois pelos Estados Unidos, a gripe asiática acabaria por chegar a Inglaterra, onde, em seis meses, 14.000 pessoas morreram. Uma segunda onda se seguiu no início de 1958, causando um total de cerca de 1,1 milhão de mortes em todo o mundo. Uma vacina acabaria por ser desenvolvida, contendo a pandemia com eficácia.	HIV Identificada pela primeira vez em 1981, a SIDA destrói o sistema imunológico, resultando em eventual morte por doenças que o corpo normalmente combateria. As pessoas infectadas encontram febre, dor de cabeça e aumento dos gânglios linfáticos. 35 milhões de pessoas em todo o mundo morreram desde a descoberta da doença. A cura ainda não foi encontrada.	SARS A Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS) foi conhecida em 2003 e tem por sintomas problemas respiratórios, tosse seca, febre e dores de cabeça. Os esforços de quarentena provaram ser eficazes, o vírus foi contido e não reapareceu desde então. A experiência da SARS serviu de alerta para melhorar as respostas aos surtos, como o H1N1, Ebola e Zika.